

Durante mais de uma semana, milhares de voluntários haviam procurado em vão o pequeno Kevin Dye, de nove anos, desaparecido nas matas de uma montanha. E restava pouco tempo para salvá-lo

Um Menino Perdido Na Montanha Casper

EDWARD D. FALES JR.



NA TARDE de domingo, 18 de julho de 1971, por volta das 16 horas, a reunião anual de planejamento da Igreja Metodista de Cristo de Casper, no Wyoming, estava chegando ao fim. A meia centena de membros que tinha feito um piquenique e conferenciado no topo da agreste Montanha Casper, de 2.500 metros de altura, preparava-se para deixar o local, quando Phillip Dye, o popular tesoureiro da igreja, perguntou: «Alguém viu meu filho Kevin?»

Uma hora antes, Kevin, um menino louro, de nove anos, brigara com um amigo por causa de um balanço. Kevin, que não podia falar como as outras crianças, tinha começado a gritar estridentemente e a agitar violentamente os braços, e o pai levou-o para ficar sentado junto dele no carro da família. Daí

a 15 minutos, Phillip Dye deixou o menino voltar às brincadeiras. Trinta e cinco minutos mais tarde, Kevin tinha desaparecido. Algumas crianças disseram que ele estava jogando pingue-pongue ou brincando de esconder numa cabana armada numa árvore próxima. «Você pode ir andando para casa», disse Dye para Carolyn, sua mulher. «Eu levo as crianças depois de terminar com a limpeza aqui.»

Para o contador Phillip Dye, Carolyn Dye e seus três outros filhos, o episódio não era novidade. Kevin era uma criança atormentada por lesões cerebrais, resultantes possivelmente de um acidente ocorrido no nascimento. Para o seu médico, o Dr. Robert Fowler, ele era um «afásico expressivo». «Ele é como um pequeno receptor de rádio com o alto-falante quebrado», explicara o Dr. Fowler aos pais de Kevin. «A recepção é perfeita, mas a ligação com o alto-falante não funciona.» Contudo, Kevin era brilhante, sem qualquer traço de idiotice ou «retardamento», e isto tornava maior a sua tortura íntima. Não era de espantar, pensavam seus pais, que ele agitasse os braços e balbuciasse desesperadamente em busca de palavras que não conseguia proferir.

Entretanto, quando as indagações de Phillip e uma busca na cabana da árvore não conseguiram localizar Kevin, ele ficou preocupado. Com a ajuda do Reverendo Paul Hood e de alguns amigos, começou a procurar Kevin pelas densas matas dos arredores, gritando-lhe o nome.

Duas horas depois, ele foi de carro até um restaurante turístico chamado Circle A e telefonou para Bill Estes, o xerife de Casper, pedindo auxílio. Este não estava, mas um subxerife prometeu mandar uma equipe de buscas.

Foi quase ao por-do-sol que Carolyn recebeu um telefonema avisando que Kevin havia desaparecido. Ela sentiu um aperto na garganta ao olhar através da grande janela panorâmica da sala para a montanha — um volumoso maciço de granito que se ergue sobre Casper como uma grande onda prestes a rebentar. Momentos depois, correu para reunir malhas e capotes quentes para si, para o marido — e para Kevin. Como estava perturbada demais para dirigir, uma vizinha levou-a rapidamente pela tortuosa estrada da montanha até ao local.

Os Dye e o Pastor Hood, que entrementes tinha dado pelo desaparecimento da raqueta de pingue-pongue que Kevin usara, fizeram buscas com o grupo trazido pela polícia até às três horas da manhã, tropeçando sobre hectares de árvores caídas — em vão.

De manhã cedo, a população de Casper soube pelo *Star-Tribune* que Kevin tinha desaparecido na montanha.

O Socorro. Pouco antes do desaparecimento de Kevin Dye, a imprensa americana havia apontado um dedo acusador sobre Casper. Apurara-se que esta cidade de 40.000 habitantes tinha um dos índices mais altos de assassinatos

e divórcios do país. O clima moral era descrito como relaxado. Numa cidade assim, quantas pessoas se disporiam a ajudar a procurar um garoto perdido?

Às nove da manhã de domingo, quando o xerife Estes olhou do alto da montanha para a estrada lá embaixo, desde onde ele conseguia enxergar vinham carros na sua direção. Mães, guardas-nacionais, vaqueiros, negociantes e escoteiros começavam a aparecer no centro de buscas improvisado no restaurante Circle A. Na quinta-feira, o xerife Estes calculou em 3.000 o total de pessoas que se apresentaram.

Fazia apenas algumas horas que se soubera que, no dia do desaparecimento de Kevin, dois veranistas na montanha tinham visto um menino vestido com calças xadrez e um pullover azul de mangas curtas passeando feliz em direção da picada de Crimson Dawn. «Estava cantando, assobiando e conversando com os passarinhos», contaram eles para o xerife Estes. «E ia batendo nas árvores com uma raqueta de pingue-pongue, como as crianças costumam fazer.» Ao entardecer, de um acampamento tinham visto Kevin aproximar-se de uma das antenas de rádio e TV montadas numa elevação perto da picada de Crimson Dawn.

Dias de Desespero. Na quarta-feira, um grupo de escoteiros descobriu os rastros dos mocassins de Kevin na direção do temível Elkhorn Canyon, um lugar de penedos gigantes e profundas de-

pressões, cheio de pinheiros, ursos pardos e cascavéis. «Normalmente, ninguém ousa entrar ali», diz o chefe-escoteiro Marvin Miller. Mesmo assim, Carolyn desceu até lá, acompanhada por um grupo de escoteiros.

No dia seguinte, os pais de Kevin conseguiram passar com seu carinho vermelho através da estreita picada de Crimson Dawn e estacionaram-no no ponto mais alto. Depois, durante horas, Carolyn Dye chamou pelo filho. Às vezes, ela usava um megafone da polícia, que fazia sua voz ressoar fantasmagoricamente contra os rochedos.

Dois homens ficaram durante toda a noite no mesmo ponto elevado fazendo tocar as músicas preferidas de Kevin. Ainda sem sinal de Kevin, sua mãe pendurou no carro um relógio de brinquedo, tirado da sacola de aulas do menino. Colocou os ponteiros marcando 3h 20m, a hora em que geralmente o ônibus da escola de Kevin vinha buscá-lo. E, como Kevin sabia ler, ela deixou um bilhete dizendo: «Kevin, o relógio diz que está na hora de ir para casa. Espere aqui pela mamãe.»

Enquanto isso, helicópteros batiam as matas, sacudindo as árvores e lançando para o chão uma chuva de agulhas de pinheiros, chegando até a derrubar ao solo um dos homens empenhados nas buscas. Por toda a montanha, centenas de observadores armados com potentes binóculos instalaram-se em pontos elevados procurando ansiosamente avistar

uma mancha azul que seria Kevin.

Mas Kevin não aparecia. E agora havia chegado uma estranha nevasca de verão, noites geladas, neblina — e desespero.

Não que faltasse quem o tivesse visto. As notícias sucediam-se sobre pessoas que tinham avistado Kevin correndo. Tentavam chamá-lo, contaram ao xerife Estes, mas ele sempre fugia correndo. Às vezes, em rochedos escarpados, ele aparecia por um breve instante contra o céu. Apanhava a comida deixada para os pássaros. À noite, entrava nas cabanas da montanha e roubava creme de amendoim ou revolvava as latas de lixo.

O maior receio dos pais — e dos psicólogos — era que Kevin pudesse esquecer tudo que havia aprendido na escola especial que frequentava, e até perder toda a habilidade de pensar. Depois de cinco dias de angústia, a mãe expressou assim seu temor: «Ele tornou-se um pequeno animal perseguido por animais grandes, e está assustado.»

Quando estava na montanha, Carolyn Dye mantinha as aparências. «Jamais permitirei que me vejam chorando», ela disse a Paul Hood. Mas em casa ela desabafava sua dor.

Última Esperança. Na sexta-feira, o quinto dia consecutivo de buscas, todo o mundo foi retirado da montanha para «deixar o garoto descansar». Nesta altura, Carolyn Dye estava começando a desesperar e os grupos de buscas estavam ficando exaustos. Ao entardecer do domingo, a veterana Comissão de

Buscas e Salvamento do Colorado enviou dois grupos de 15 voluntários — o Grupo de Salvamento das Montanhas Rochosas e o Grupo de Salvamento Alpino — para ajudarem nas buscas.

No dia seguinte, aconteceu uma coisa curiosa: por duas vezes, na parte da manhã, apareceu no centro das operações um rapaz alto e magro, de 19 anos, afirmando: «Eu vi Kevin.» Quando descobriram que o rapaz às vezes frequentava as aulas de treinamento especial na escola de Kevin, ninguém deu muita importância ao que ele dizia. «Então, ao meio-dia», lembra o xerife Estes, «ele apareceu outra vez, desta feita trazendo uma raqueta de pingue-pongue manchada de sangue. Ficamos estarelecidos.» O rapaz afirmou ter achado a raqueta no Desfiladeiro de Middle Fork — parte da inóspita região de Elkhorn — mas estava sempre modificando sua história confusa e incoerente.

Os grupos do Colorado tinham tomado conta completamente das buscas. Uma das habilidades que tem ajudado muito o Grupo de Salvamento das Montanhas Rochosas ao longo dos seus 24 anos de existência é a sua capacidade de analisar pistas. «A história contada pelo rapaz era tão incrivelmente contraditória que nós acabamos achando que isso contava a seu favor», diz Chuck Demarest, líder do grupo. «Resolvemos enviar alguns dos nossos melhores homens até ao fundo do Desfiladeiro de

Middle Fork ao romper da manhã.»

Caminhada no Desfiladeiro. Sob o comando do engenheiro Bill May, um grupo de cinco homens dispostos em forma de leque, separados cerca de 10 metros entre si, partiu ao alvorecer. Os homens vasculharam uma campina elevada, galgaram um penhasco e depois começaram a descer na direção de um pequeno regato, onde acreditavam que Kevin, se estivesse vivo, teria de ir para beber água. Passados alguns metros, o homem da direita, um estudante de ciências florestais chamado Mike Murphy, fez alto. À sua direita houve um movimento na folhagem e ele viu um belo gamo arrancar em longos e graciosos saltos. Murphy podia imaginar o que tanta gente tinha «avistado» parecendo um garoto em fuga. No interior da sombria mata, eles encontraram o regato, e Murphy sentiu a água gelada em suas botas. Começaram a seguir o curso de água em direção ao norte, através do desfiladeiro, que logo se tornaria tão íngreme que o grupo teve de cerrar a formação, movimentando-se com seis metros de separação. O regato estava sempre desaparecendo e aparecendo em cascatas espumantes. Murphy escorregou sobre rochas e atravessou capinzais sombrios e frescos que podiam esconder cascavéis. Lá de cima vinha o som indistinto do transmissor de May. De repente, ele ouviu um ruído de qualquer coisa batendo na água e viu algo movendo-se ao sabor da corrente: um grande e hirsuto porco-espinho,

todo eriçado. Pensou que, agora, já sabia também quem estivera roubando comida das cabanas.

«Durante uma hora», diz Murphy, «examinamos um milhão de árvores e remexemos debaixo de mil troncos.» Finalmente, ele avistou um brilho à frente. O sol lançava uma réstia longa e penetrante através da clareira natural onde as águas eram de um azul claro reluzente.

«Que dia lindo para uma caminhada!» pensou Murphy. Quando ele olhou outra vez para a água, avistou algo que passara despercebido da primeira vez. Perto da margem, havia um ponto colorido, brilhante como o céu de Wyoming. Era um pequeno pulover azul. E dentro dele, como um gamo encolhido, estava uma criança deitada sobre um colchão de relva.

O Momento da Verdade. Murphy respirou fundo e segurou a respiração. Diz Chuck Demarest: «É um momento místico quando encontramos alguém a quem estivemos procurando durante muito, muito tempo. Há algo de solene. A gente não quer se aproximar dele — porque de repente descobrimos como é bela a vida humana.»

«Alô, Kevin», disse finalmente Murphy com um tom suave. À medida que avançava cautelosamente para ajoelhar-se ao lado de Kevin, dois olhos famintos cravaram-se em seu rosto. Não havia qualquer sorriso neles. «Mas havia a gratidão e o alívio de uma criança», diz Murphy. Ele tocou no pequeno rosto terrivelmente emagrecido, e

ficou satisfeito de ver que não havia febre. Os bracinhos e as pernas estavam arranhados e fracos como palitos. «Kevin não conseguiria sobreviver mais uma noite», disse mais tarde o Dr. Fowler. Logo Bill May estava no rádio pedindo uma padiola.

«Kevin, você quer ir para casa?» perguntou Murphy.

Uma voz débil gaguejou: «Si-i-i-m.»

E de repente Murphy descobriu. Não se tratava de nenhum menino-animal manhoso que andava roubando as cabanas, correndo desvairadamente pelos rochedos e enganando 3.000 pessoas. «Encontramos simplesmente um garoto assustado e cansado», diz ele. «Como toda a criança, ele se viu em dificuldades, fugiu, andou alegremente ao longo de uma trilha — e depois perdeu-se. Provavelmente nunca teria saído daquele desfiladeiro. E agora, já sem forças para alcançar a água, deitara-se para morrer.»

Carregando Kevin na padiola, o

grupo iniciou a penosa caminhada de duas horas para voltar. «Mas de repente», diz Mike Murphy, «o andar tornou-se fácil.» Os passarinhos cantavam, o sol estava cálido e a sombra era refrescante. Realmente, era «um dia lindo para uma caminhada».

KEVIN recuperou-se da sua experiência. Na realidade, de alguma maneira curiosa e maravilhosa, a sua odisséia parece ter-lhe trazido uma mudança para melhor.

«Algo aconteceu, com certeza», diz o estupefato Dr. Fowler. «Toda a sua atitude mudou. Parece que ele agora está em paz consigo próprio — e com a família. Há ainda um longo caminho a percorrer, mas na escola ele já não agita desordenadamente as mãos nem tem caprichosos acessos de mau humor. Um dia», acrescenta o Dr. Fowler, «nós talvez venhamos a ter um cidadão muito útil chamado Kevin Dye. Essa é a minha grande esperança.»



ANDRÉ SIMON, grande conhecedor de vinhos, costumava entrar em êxtase ao descrever uma safra de sua predileção. Certa noite, durante um festival de provadores de vinhos, o escritor Charles Morgan fez a apresentação de Simon, lendo em seguida um texto que o especialista escrevera e no qual, segundo Morgan, fora alterado apenas um pronome: «Ela deu mais do que prometia — louvável falha. Cheia de vida, sedosa, ativa, robusta e esquiva; refinada e expansiva; deixou atrás de si uma sensação de agradável plenitude, sem a menor sombra de saciedade.»

«Francamente, Monsieur Simon», concluiu Morgan diante do auditório divertido, «o que é que o senhor descrevia? Um Château Ausone 1909 ou Cleópatra?»